

## **Algumas considerações sobre o conjurado VITORIANO GONÇALVES VELOSO**

*Aos distintos professores **Antônio Américo de Campos Júnior** e **Gian Miller Brandão**, pelas suas raízes pradenses!*

Escrever sobre a saga do conjurado Vitoriano Veloso traz consigo alguns entraves: a vida dele ainda carece de maiores e melhores pesquisas. A ação de Veloso no movimento conjuratório de 1789 ainda transita num plano quase que desconhecido dos nossos compêndios. Nem mesmo na Região Mineira do Campo das Vertentes, onde ele viveu, conhece-se bem a sua trajetória a ponto de poder dissertar com plena segurança sobre a sua atuação. Como bem já dissera o meu amigo Dr. Adalberto Guimarães Menezes, nós, brasileiros, conhecemos muito mais a história da Grécia e de Roma do que a história do nosso País, Estado ou Município. Pouco também se fala que a Conjuração Mineira foi um movimento que não foi tramado exclusivamente por homens. Neste sentido, ao escrever sobre o pardo Vitoriano Gonçalves Veloso, faz-se necessário mencionar o nome da conjurada Hipólita Jacinta Teixeira de Mello (1748-1828), mulher que nasceu, viveu e morreu no município mineiro de Prados. Vitoriano Veloso residia bem próximo da Fazenda da Ponta do Morro, em terras anexas à propriedade de Hipólita, no local denominado “Bichinho”. D. Hipólita era mulher das mais ricas da região e sofreu muitos revezes por envolver-se com o movimento conjuratório mineiro.

Vitoriano Gonçalves Veloso, pardo (de pele escura, entre o branco e o negro), nasceu livre (era filho de mãe negra/escrava e pai branco) e exerceu o ofício de alfaiate. É considerado o único mulato que integrava o grupo dos conjurados. Nasceu no ano de 1738, num local chamado Gritador (Gruta do Ouro), localidade ora mais conhecida pelo nome de Bichinho, atual Distrito de Vitoriano Veloso, Município de Prados - MG. O pai o reconheceu na pia batismal. Foi Alferes dos Pardos da Igreja Nova, da Comarca do Rio das Mortes. Vitoriano era o mensageiro de confiança dos conjurados e, especialmente, de D. Hipólita, de quem era compadre e vizinho. Os recados mais importantes e os bilhetes mais secretos eram a ele confiados para que chegassem com segurança aos conjurados que se encontravam nas outras vilas do ouro.

Paulo de Carvalho Vale (*in memoriam*), homem público pradense, pesquisador da história da região do Campo das Vertentes, escreveu o livro “De Prados da ‘Ponta do Morro’, para a Liberdade”, e afirmou que por

Vitoriano ter sido reconhecido como filho livre na pia batismal, “a liberdade, para ele, devia ter um significado muito particular”. A obra referenciada, fonte da maioria das informações aqui contidas, foi editada no ano 2000, através da Editora Armazém de Idéias, BH, com 240 páginas; o sexto capítulo dela foi intitulado “Vitoriano Veloso, o Mensageiro da Inconfidência”; vejamos um breve relato do referido capítulo: *“Numa sexta-feira (22-05-1789), foi-lhe confiada [a Vitoriano Veloso] na Ponta do Morro a última mensagem, que não chegou a ser entregue, destinada a quem devia ter sido o chefe militar da Inconfidência, o Ten. Cel. Francisco de Paula Freire de Andrada, em Vila Rica. A mensagem que levava compreendia uma parte oral: “Fuja ou se retire para o Serro e fale com o Padre José da Silva e ao Beltrão. Se o Beltrão não estiver pelo que um quiser se apodere da tropa e faça um viva ao povo. Estarei aqui às suas ordens.” Eram palavras de Francisco Antônio de Oliveira Lopes e D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, sua mulher. A carta ou bilhete, feito por Francisco José de Melo, primo de D. Hipólita, reduzia-se a uma ou duas linhas sem destino ou assinatura: “Acautele-se porque vai ser preso nestes 4 ou 5 dias.” O Pe. Assis, em Carijós, fê-lo destruir o bilhete, julgando-o demasiadamente claro e comprometedor. Era muito amigo, inclusive até compadre de D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo e de seu esposo, o inconfidente Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, proprietários da rica Fazenda da Ponta do Morro, ao sopé da Serra de São José, Arraial dos Prados. Por ter sido mensageiro de confiança das cartas, bilhetes e recados secretos que os inconfidentes trocavam entre si, foi preso e considerado também conjurado, sendo condenado ao degredo perpétuo. Teve, depois, esta pena comutada por desterro temporário (10 anos), recebendo, ainda, um castigo adicional que foi o de açoitamento em volta do patíbulo de Tiradentes. Em 16/05/1792, Vitoriano, acorrentado, marchou da Fortaleza do Castelo, atravessou a Rua da Cadeia, Largo da Carioca, Rua do Piolho, até o Campo de São Domingos, onde deu três voltas em torno da força, voltando pelas mesmas ruas à Fortaleza. De vez em quando, parava aquele trágico e desumano cortejo e o escrivão da vara do Meirinho, Luiz Antônio Ribeiro de Campos, fazia o pregão em voz alta, conforme ordenava a sentença. Partiu para o degredo na companhia de Tomás Antônio Gonzaga, que lhe dedicou sempre consideração e benesses. Em 1803, aos 65 anos, morria na África, e seus despojos, mais tarde, foram exumados da Igreja de N. S. dos Remédios, de Cabeceira Grande, Moçambique, para descansar em paz, no Museu de Ouro Preto...”*

Vitoriano Veloso conhecia bem as veredas, os atalhos e as variantes do Caminho Velho (Estrada Real). Depois de preso, foi inquirido oito vezes seguidas e em curtos intervalos. Com seus depoimentos acredita-se que ficaram um pouco mais esclarecidos os últimos dias do movimento. Foi inquirido pela sétima vez em 22 de janeiro de 1790. Em 22 de janeiro de 1791, foi transferido para a cadeia no Rio de Janeiro, onde ficou esperando a

sua sentença: *“Mandado de execução da pena imposta a Vitoriano Gonçalves Veloso - Justiça que a Rainha Nossa Senhora manda fazer a este reu Vitoriano Gonçalves Veloso, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição que cometeu na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade, contra a Real Soberania da dita Senhora. Manda que seja açoitado pelas ruas publicas desta cidade até o lugar da forca, onde dará três voltas, e que vá degredado por tempo de dez anos para Cabaceira Grande, sendo-lhe confiscada metade dos seus bens para o fisco e Câmara Real. Rio de Janeiro, a 12 de maio de 1792. E eu o Desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, Escrivão da Comissão, o escrevi. Desembargador Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, Juiz da Comissão da Conjuração.”*

O Brasão do Município de Prados, no centro, traz um escudete de prata, carregado de quatro triângulos equiláteros de goles, evocando os conjurados ligados a Prados, um deles Vitoriano Gonçalves Veloso. Em Prados também está situado o distrito de Vitoriano Veloso, nome dado em homenagem ao conjurado, local mais conhecido por “Bichinho”. Naquele sub-burgo surgido em torno das minas de ouro do *Gritador*, possível corruptela de *Greta d’Ouro*, foi erigida a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, templo construído entre os anos de 1732 e 1771 e que abriga ricos altares e uma decoração pictórica em estilo rococó da mais alta qualidade, obra creditada ao pincel de Manoel Victor de Jesus; o templo é tombado pelo IPHAN, desde 1949. Atualmente, aquela localidade onde o tempo parece passar ainda bem devagar, tornou-se um dos lugares da moda: o arraial é constantemente freqüentado por turistas e garimpadores de artesanato de qualidade. Instalaram-se ali algumas pousadas e típicos restaurantes que servem a boa comida mineira. O distrito é um dos maiores responsáveis pela produção do rico e variado artesanato pradense, haja vista a produção da afamada “Oficina de Agosto” e de muitos outros dos seus ateliês, os quais, em suas criações, exploram temas bem mineiros e nacionais. É um lugar aprazível, cuja badalação já extrapolou o Estado de Minas Gerais; as oficinas locais recebem visitas de arquitetos e decoradores dos mais variados recantos do país e até do exterior em busca de móveis, telas, bordados, fuxicos, esteiras e forros de taquara, crochês, adobes, tapetes, esculturas e adornos em geral, além das suas boas opções naturais e gastronômicas.

É certo que a vida de Vitoriano merece ser mais bem estudada. Ele, o “Mensageiro dos Conjurados”, é a síntese da alma mestiça nacional representada no movimento libertário mineiro. A nossa miscigenação histórica ou consensual, ao longo de mais de 500 anos, foi, é e sempre será um dos fatores relevantes para a existência desta Nação. Falando sobre mensagens ou cartas, lembramos que Paulo Bregaro (aquele que no dia 7 de setembro de 1822 entregou a D. Pedro a correspondência que o levou a declarar a nossa Independência) já é oficialmente o patrono dos Correios do

Brasil, mas o título, por motivos óbvios, também caberia com muita propriedade ao conjurado. Então, para evidenciar-lhe a memória, atrevo-me a sugerir que o órgão governamental que cuida das nossas correspondências pudesse emitir uma série filatélica que enaltecesse ainda mais a vida e a ação de Vitoriano Gonçalves Veloso. Creio que esta seria uma homenagem bem merecida! Ou não?



Detalhe do marco em homenagem ao conjurado Vitoriano Gonçalves Veloso e a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, na sede do distrito pradense de Vitoriano Veloso (Bichinho).

*Fotografia de J. A. Ávila, 12.10.2011.*